

BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras faz um registro comemorativo aos 40 anos de Fundação do Ensino Superior Público na cidade de Alagoinhas, Bahia através da Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas FFPA-UNEB e entrevista uma das fundadoras da Faculdade.

A Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas: do projeto à realidade, 40 anos de história a serviço da Educação Baiana.

Profa. Celeste Buisine Pires Ribeiro entrevista a Profa. Denise Maria Gurgel Lavallée.

Celeste Buisine: Como começou a FFPA? De quem foi a iniciativa? Como surgiram os cursos de Línguas Estrangeiras na região?

Denise Lavallée: Os primórdios da FFPA estão inseridos no amplo movimento de expansão do ensino superior que caracterizou a década de 70 na Bahia. O governo pretendia capacitar professores que pudessem atuar nos chamados “ginásios” daquela época, nos “centros Integrados”, na rede pública, visando assim fortalecer os diferentes segmentos da educação no interior. Foram artífices desse projeto os governadores Antônio Carlos Magalhães e Luiz Viana Filho.

Mas a FFPA respondia também aos anseios da comunidade alagoinhense, que pleiteava há longos anos uma instituição de ensino superior. A Secretaria de Educação e Cultura do Estado, mentora administrativa e sua executora, decidiu em 1972 organizar um curso de especialização de alto nível, visando melhor qualificar os futuros professores da nova faculdade, todos eles licenciados em Letras.



Profa. Denise Maria Gurgel Lavallée



Permitam-me nomear, permanecendo fiel à história, os docentes fundadores que, em 1972, elaboraram e aplicaram o primeiro exame vestibular do curso pioneiro de Letras com Francês da FFPA, todos eles já indicados e selecionados pelo Conselho Estadual de Educação como futuros mestres da primeira turma da faculdade e das outras que se seguiram.

1. Antônio Curcino da Silva – Literatura Brasileira
2. Denise Maria Gurgel Lavallée – Língua e Literatura Francesas
3. Dilma Evangelista da Silva – Língua Portuguesa e Linguística
4. Pe. Edson Barauna - Língua Latina
5. Nicéa Nascimento Maia – Psicologia
6. Pedro Sancho da Silva – Estudo de Problemas Brasileiros – Organização sociopolítica do Brasil.

Vale lembrar que o curso de Letras da FFPA era bastante similar ao da faculdade irmã de Feira de Santana, com a qual mantínhamos laços de amizade e parceria. Para o professorado interiorano foram então organizados vários seminários e cursos, pelo Departamento de Ensino Superior e de Aperfeiçoamento de Pessoal da Secretaria de Educação do Estado (DESAP), órgão responsável pela vida acadêmica das novas faculdades baianas. Tiveram destacada atuação nesse setor os gestores Marques Neto, Remy Pompílio de Souza, Lícia Regina Fonseca e Joselita Castro Lima, dentre outros educadores.

Àquela época, o Conselho Estadual de Educação se mostrou bastante exigente e nós, jovens professores já selecionados pelos seus membros, nos sentimos valorizados pela aprovação dos nossos nomes.

Celeste Buisine: Qual foi sua participação na fundação do Campus II em Alagoinhas?

Denise Lavallée: Dois anos antes do funcionamento da FFPA, o governo do Estado me designou, mediante portaria publicada em D.O, para “viabilizar a instalação da faculdade”, sem qualquer remuneração, e de bom grado eu e meus colegas pioneiros passamos a visitar semanalmente o DESAP, em Salvador, para reuniões de trabalho, incorporando um grupo coeso e solidário. Foram momentos inesquecíveis e as



autoridades alagoinhenses contribuíram decisivamente para tal fim, bem como a comunidade local (clubes de serviço, clero, maçonaria e outros). Todos nós, docentes, residíamos em Alagoinhas.

Creio que em virtude de minha designação para coordenar as atividades de implantação da faculdade, com vistas ao seu primeiro curso – de Letras com língua francesa – a minha nomeação posterior como diretora (portanto, fundadora) seguiu o curso natural dos acontecimentos. A opção pelo francês, disciplina que eu ministrava, já existia em Feira de Santana, e a língua inglesa só veio a ser introduzida na FFPA em 1975, sendo titular o professor Edson Miranda dos Santos.

Éramos, portanto, apenas seis docentes, naquele longínquo vestibular de 1972, quando recebemos candidatos oriundos de Alagoinhas e regiões circunvizinhas, todos de indiscutível qualidade, pois já atuavam na rede pública e privada de ensino, submetendo-se com sucesso ao exame de ingresso. De fato, a turma de alunos de 1972 marcou época, porque representava, além do conhecimento que trazia, uma demanda reprimida, acumulada por vários anos, que aguardava apenas a oportunidade de comprovar suas habilidades e de aperfeiçoá-las.

Minha longa experiência como diretora da FFPA me permitiu não só participar da sua criação, mas vivenciar o “reconhecimento” do curso de Letras pelo Conselho Federal, processo complexo e demorado, instalar os cursos de Ciências e Estudos Sociais, criar o laboratório básico de Ciências, localizado no subsolo do antigo prédio da Praça Rui Barbosa, formalmente cedido pela Prefeitura local, compromisso este honrado por todos os políticos que conhecemos, das mais diversas ideologias, durante os 12 anos em que estive à frente da administração. Na esfera política, colaboraram ativamente com a FFPA os prefeitos Antônio Carneiro, Murilo Cavalcante, Miguel Fontes e Judélio do Carmo, todos eles de saudosa memória.

Celeste Buisine: Quanto tempo a senhora ficou na direção deste estabelecimento?

Denise Lavallée: Fui diretora-geral da FFPA durante três mandatos. Da sua criação, em 1972, até 1975, retornando em 1976, mediante eleição pelos meus pares, por quatro anos, até 1980. Ao final do segundo mandato, em 1981, com a criação da



Superintendência do Ensino Superior, sediada no Cabula, permaneci no cargo até 1985, quando fui convidada pela Reitoria da UNEB (a Universidade foi criada em 1983) para atuar em Salvador e designada “Coordenadora do Curso de Mestrado em Educação”, oferecido na Bahia, em convênio com o Canadá. A sede da UNEB, na capital, precisava, em 1986, de alguém com um perfil bivalente, isto é, professora de Francês, o que era o meu caso, e Mestre em Educação, título que eu também possuo. Observem como foi relevante o meu curso de Letras com Francês, realizado na UFBA – graças a ele, fui nomeada tradutora-intérprete do Curso de Mestrado da UNEB, traduzindo todas as aulas para os mestrandos, já que os docentes vinham da Université du Québec à Montréal e não falavam português. O valor desse curso foi inestimável. Ele qualificou os atuais quadros da UNEB, de 1986 a 1990. Além de aumentar consideravelmente o número de pesquisas educacionais do Estado.

Celeste Buisine: Quais avanços na área do ensino de Língua Estrangeira à época; quais direcionamentos foram tomados para efetivação e ampliação dos cursos de Estrangeiras?

Denise Lavallée: Em virtude do número crescente de Faculdades de Formação de Professores, que faziam parte da política de interiorização do Ensino Superior no Estado na Bahia, a Secretaria de Educação criou inúmeros e sucessivos seminários, congressos e cursos na área de Letras e favoreceu bolsas na Bahia, no Rio, em São Paulo, e até na França. Tais cursos eram conveniados entre a Secretaria de Educação, a Aliança Francesa, a Associação dos Professores de Francês, a Embaixada da França, o Ministério das Relações Exteriores, organismos que naquela época dispunham de muita verba e financiavam anualmente as bolsas. O mesmo ocorria com os docentes de Inglês, beneficiados com cursos similares. Assim, por força do cargo que exercia, convivi profissionalmente com alguns titulares da Secretaria de Educação que acompanharam de perto as múltiplas atividades desenvolvidas no âmbito da FFPA, tais como os Secretários Rômulo Galvão, Kleber Pacheco, Eraldo Tinoco e Edivaldo Boaventura, este último também criador da UNEB em 1983 e seu primeiro Reitor, um dos baluartes da nossa faculdade.



Esta pergunta é muito oportuna, pois permite evocar aqui o “período áureo” dos cursos de línguas estrangeiras: dos anos 70 aos anos 2000. Na última década, com a crise econômica mundial, as oportunidades estão restritas, as prioridades são outras, as bolsas foram drasticamente reduzidas. Um panorama diverso, mas algumas vocações permanecem. Dentre elas, a docência, que nos toca de perto.

Celeste Buisine: No momento, qual a área de estudo e pesquisa do seu interesse? Quais as atividades e parcerias que a senhora está desenvolvendo e em quais estabelecimentos?

Denise Lavallée: A partir dos anos 90 a área dos estudos francófonos ampliou sua abrangência, despertando maior interesse dentre os docentes de língua e literatura francesas. Refiro-me, sobretudo, ao Quebec, com inúmeras oportunidades de cursos, congressos e bolsas no Canadá. Coube-me então criar, 20 anos depois da FFPA, um “centro de estudos canadenses”, em 1992, na UNEB, focado nas pesquisas Canadá-Brasil, o que propiciou aos pesquisadores baianos muitas bolsas de estudo (mestrado, doutorado, aperfeiçoamento e outros) obtidas do Quebec. Voltei-me então para o rico universo literário quebequense, seus autores, sua história, sua visão de mundo, investiguei as questões identitárias que caracterizam o Canadá, estudei igualmente o fenômeno do bilinguismo. Dediquei-me, assim, desde 1992, aos estudos canadenses, tornando-me editora da revista *Canadart*, primeira revista periódica brasileira consagrada ao Canadá, uma parceria acadêmica entre a UNEB e a Embaixada do Canadá. Um espelho cultural de estudos comparados. Publiquei vários artigos, nos quais o nosso Jorge Amado dialoga com as paisagens de neve, onde analiso os traços distintivos que marcam o francês falado no Quebec se comparado àquele da França, enfim, desenvolvo pesquisas literárias focadas no Quebec e na França. É um terreno fascinante e o Quebec tem investido muito para atrair parcerias.

Celeste Buisine: Que teórico/crítico contemporâneo, autor e/ou obra literária da língua estrangeira que no momento absorve sua atenção e por quê?



Denise Lavallée: Outra vertente inovadora à qual me dedico hoje é o Francês Instrumental, voltado para candidatos às provas escritas de ingresso aos cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Desenvolvo estas atividades não só na Aliança Francesa de Salvador, onde preparo grupos, mas também em caráter particular. Os grandes teóricos que tentam ler e explicar o mundo – os filósofos, os sociólogos, os antropólogos, os psicanalistas, do porte de Freud, Nietzsche, Sartre, Foucault, Karl Marx, Platão, Pascal e tantos outros “monstros sagrados” do conhecimento, são assim apresentados a meus alunos, em francês, através de pequenos textos longamente analisados e transpostos pouco a pouco para o português. Aproveitamos, então, para trabalhar as transparências linguísticas existentes entre o francês e o português, as armadilhas conhecidas como os *faux amis*, tudo aquilo que no texto “parece”, mas não é... Identificamos as terminações do feminino e do plural, tudo isso retirado – por exemplo – de um extrato do “Manifesto do partido comunista” de Marx, conteúdos estes que seduzem os alunos, alguns já mestres ou doutores, mas que desejam “entender” o funcionamento da língua francesa ou aperfeiçoar a capacidade de tradução.

Celeste Buisine: As mulheres vêm ocupando cada vez mais espaços na administração pública. A senhora, como diretora há 40 anos, como conciliou a vida de dona de casa com sua vida de profissional bem sucedida?

Denise Lavallée: O desafio foi considerável, sobretudo porque fui mãe em plena função de Diretora e professora ao mesmo tempo: jamais exerci apenas uma destas funções. Até o Mestrado em Educação, obtido na UFBA, foi cursado num permanente vai e vem entre Salvador-Alagoinhas, nos anos 80. Isto ocorria cumulativamente às aulas normais de Francês e à administração da FFPA, pois há 40 anos nós não éramos “liberados” das atividades para cursar o mestrado, embora ele fosse oferecido a 100 km de Alagoinhas: as condições deviam ser aceitas como tais. Contudo, minha família sempre participou da vida cultural que a FFPA oferecia à cidade. Apresentações de dança, música e teatro (até o famoso ator Pitanga organizou curso na FFPA), cinema, palestras e conferências,



exposições, curso de artesanato, enfim, a criatividade é uma característica dos professores, não é mesmo?

As festas de conclusão de curso (as antigas “formaturas”) foram memoráveis. A sociedade comparecia, as autoridades prestigiavam, os professores e alunos discursavam e havia um toque de formalidade que embelezava aquele simpático prédio da Praça Rui Barbosa. A infância de minhas filhas esteve, portanto, atrelada à vida da FFPA: elas conheciam o corpo docente, consideravam aquele prédio a segunda residência e aplaudiam as atividades socioculturais ali desenvolvidas. Foi uma escola de vida! A presença feminina foi, assim, uma constante em nossa administração.

Celeste Buisine: O que a senhora diria para os estudantes de Letras que querem ingressar na carreira?

Denise Lavallée: Minha cara professora Celeste, que mensagem difícil!...! O que dizer para aqueles que, amantes das línguas estrangeiras, seduzidos pelo magistério, conscientes de que o mundo é realmente a aldeia global de que falava McLuhan, ainda desejam ingressar na carreira docente?

Creio que eles podem ser excelentes agentes de transformação. Eles podem atuar decisivamente na mudança da opinião popular que encara o magistério como uma profissão decadente, mal remunerada, ignorada pelos governantes e até pela sociedade. Se novas carreiras surgirem, a tecnologia nos oferece, hoje, magníficas ferramentas de comunicação e os mundos dialogam através do respeito à cultura do outro. Vocês, repito, são agentes de mudança, e para isso devem estar preparados. Lembrem-se de que grandes autores cursaram Letras (o que dizer de Lya Luft, com sua palavra exata?) e que um dos nossos mais ilustres colegas, o professor universitário Fernando Henrique Cardoso, exerceu o magistério da Sociologia ancorado nas línguas que também dominava. São alguns exemplos de sucesso. Vocês serão os PRÓXIMOS! Obrigada pelas reminiscências que vocês despertaram no resgate da história dos primeiros anos.